



LITERATURA GAY E A ABORDAGEM DOS ESTUDOS CULTURAIS GAY LITERATURE AND THE CULTURAL STUDIES APPROACH

Rubenil da Silva OLIVEIRA¹  

RESUMO: Esta Comunicação pretende analisar a literatura pela abordagem dos estudos culturais enquanto corrente da crítica da literatura. Neste sentido, julga-se pertinente a discussão de que o conceito de cultura implica pensar para além do produto elaborado por uma minoria, uma vez que exercitar a crítica cultural implica na apreensão de como funciona determinada sociedade (CEVASCO, 2005). Por outro lado, os defensores das outras correntes da crítica literária acusam-na de militante, de sem método, contudo, erram quando dizem não haver método, pois podemos traçar um painel de cartografias para tal e assim temos um método, um caminho para o estudo da literatura gay, por exemplo. Para isso, a pesquisa realizada seguiu a abordagem qualitativa e o tipo bibliográfica, pois trata de investigação realizada a partir da consulta a livros e periódicos tanto impressos quanto os disponíveis na internet em bibliotecas digitais e blogs. Entre os autores lidos Cevasco (2005), Matterlat e Neveu (2006), Bhabha (2014), Silva (2010), Hall (2014) e outros. Portanto, os críticos da literatura que acusam os estudiosos dos estudos culturais precisam recuar e perceber que as sociedades mudam e novas realidades históricas são construídas, gays saem da invisibilidade para a visibilidade social, assim como a literatura que deles trata.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura gay. Estudos culturais. Crítica literária. Processos culturais.

ABSTRACT: *This Communication intends to analyze literature through the approach of cultural studies as a current of literature criticism. In this sense, it is considered pertinent to discuss that the concept of culture implies thinking beyond the product created by a minority, since exercising cultural criticism implies understanding how a given society works (CEVASCO, 2005). On the other hand, defenders of other currents of literary criticism accuse it of being militant, of having no method, however, they are wrong when they say there is no method, as we can draw up a panel of cartographies for this and thus have a method, a path to study of gay literature, for example. To this end, the research carried out followed a qualitative approach and a bibliographical type, as it involves an investigation carried out by consulting books and periodicals, both printed and available on the internet in digital libraries and blogs. Among the authors read Cevasco (2005), Matterlat and Neveu (2006), Bhabha (2014), Silva (2010), Hall (2014) and others. Therefore, literary critics who accuse cultural studies scholars need to step back and realize that as societies change and new historical realities are constructed, gays move from invisibility to social visibility, as does the literature that deals with them.*

KEYWORDS: *Gay literature. Cultural studies. Literary criticism. Cultural processes.*

¹ Doutor em Estudos Literários (UFPA). Docente na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e no Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PPGLB-UFMA). E-mail: rubenil.oliveira@ufma.com

Introdução

Sobre a discussão em torno da expressão gay na cena literária ainda não se pode dizer que tenha um espaço de reconhecimento desta expressão, uma vez que para os críticos da literatura os estudos culturais é uma discussão de gênero, portanto, cultural e não literária. Além de nas comunidades tradicionais existir um pacto de silenciamento sobre a expressão da afetividade, fato evidenciado nas pontuações e cuidados com a escolha lexical dos narradores-personagens, que narram as suas vivências, o que evidencia a dificuldade dos sujeitos gays para falar de si e, conseqüentemente, de sua orientação sexual.

Para as correntes textualistas, as representações das identidades sexuais deveriam ocupar espaço apenas nas discussões da Sociologia e/ou da Antropologia, visto que a literatura é, para os defensores das correntes anteriores da crítica literária, apenas um recorte da cultura. Por esse entrave, ressalta-se que sendo a literatura enquanto uma metáfora do real a que se soma o valor das escrivências dos sujeitos históricos – os homens – as práticas do amor gay não pode ser consideradas como objeto apócrifo à literatura.

Estudar a literatura que carrega o ideário das vozes gays implica reconhecer suas características e códigos estéticos os quais a diferenciam das demais escrituras da literatura, além de perceber que nem todas as correntes da crítica literária podem estabelecer um juízo a ela. Por outro lado, na perspectiva de Antonio Candido, é respeitar a função humanizadora da literatura, uma vez que nem todos os viventes têm o seu direito à literatura. Isso implica que o papel da literatura é representar aquilo que falta ou que não pode ser dito, que fora silenciado de um povo, nestas circunstâncias, assevera-se que a história dos amores gays é atravessada por silenciamentos.

A escrita desse artigo teve por objetivo apresentar elementos de discussão da literatura gay e da abordagem dos estudos culturais enquanto corrente da crítica da literatura que valida a discussão das literaturas ditas menor e inscritas sob o código da resistência e do político. Para a investigação, aqui empreendida, foi necessário o emprego quanto aos procedimentos, da pesquisa bibliográfica, a partir da consulta a teorias e obras literárias em livros e periódicos impressos e os depositados na web. Por último, para uma melhor organização, além da introdução e das considerações finais, o artigo foi dividido em duas seções, na primeira tratamos da literatura gay a partir da perspectiva de que ela ainda se encontra em construção e; na última dos estudos culturais enquanto uma abordagem da crítica literária.

A literatura gay: uma historiografia em construção

Os estudos sobre os gays, no campo da literatura e das Ciências Sociais, são relativamente embrionários, uma vez que mesmo se sabendo de que o amor entre pessoas do mesmo gênero não é novo, este era camuflado, negado pela sociedade por ser tratado como pecado, anomalia genética ou social. No entanto, quando se isola o campo da literatura, nota-se que a homoafetividade sempre foi representada na poesia, na prosa e no teatro, com as configurações de cada época e também em consonância com a percepção de seus autores e do público que os lia ou assistia as suas representações. Ao perceber esses agenciamentos na criação dessa literatura vê-se que “os discursos sobre gênero e sexualidades na literatura expressam a premissa teórica básica de que o discurso é uma prática que, sistematicamente, forma os objetos de que fala” (GARCIA, 2014, p. 16).

Essa percepção retorna à noção de sistema literário proposto em Candido (1981), para quem este só seria possível se a literatura tivesse a tríade – autor, obra e público – assim a literatura gay sempre contou com autores que escreviam sobre essa temática e com um público, que mesmo mais restrito, lia essas obras. Em se tratando do papel do leitor, dentro da cultura material da produção livresca gay, percebeu-se que eles tiveram suas vidas afetadas a partir da produção massiva de livros, assim como a “própria leitura se transformou ao longo do tempo. Ela era frequentemente feita em grupo e em voz alta, ou em segredo e com uma intensidade que hoje talvez nem consigamos imaginar” (DARNTON, 1995, p. 127). A posição de Darnton (1995) dialoga com a ideia de leitura como construção de sentido e também uma prática interacionista entre leitor e texto que também é defendida pela linguística textual, por isso, diz-se:

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados... o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribuí seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda a história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças as práticas de leitura. (CHARTIER, 1999, p. 77).

Conforme o fragmento nota-se que o autor defende a ideia de que o leitor é, antes de tudo, um construtor de sentidos que se apropria do conteúdo dos livros, ato esse que exige proficiência do leitor para não se comportar somente como decodificador que não se apropria, na integralidade, do que é lido. É um leitor ativo que critica o que lê dando margem à circulação do texto, além de possibilitar a criação de novos textos para assim satisfazer as necessidades do público, por isso, admite-se que ele precisa da liberdade, embora existam limitações contextuais que façam pensar que esta liberdade inexistente. Nesse caso, o leitor deve atuar como o sujeito responsável pelas atualizações do texto em

consonância com os efeitos nele provocados a partir da consumação da leitura, assim à medida que ele constrói novo significado, ele renova o texto lido, construindo um outro texto. Assim, esse processo de construção de sentido é também motivado por crenças, valores e ideologias dos leitores e que a leitura literária pode estimular quando usada como recurso na formação dos leitores na escola e fora dela.

Todavia, essa construção de sentidos acaba por ser afetada quando se trata da publicação e consumo de obras de temática gay, por exemplo. Por mais que exista hoje uma quantidade de títulos, vista como considerável, ela ainda é mínima diante de um público de mais de 10 milhões, como destacado pelo jornalista Carlos Hee, a partir de argumento do Grupo Gay da Bahia. Outro aspecto a ser ressaltado é que a temática gay parece seguir o caminho dos “livros proibidos” na Europa, isto é, eram consumidos avidamente, mas na clandestinidade, o que se vê como uma retomada da “coerção do texto sobre o leitor, bem como a liberdade do leitor com o texto” (DARNTON, 1995, p. 128). É ainda nessa tensão que se percebe a literatura de expressão gay:

A questão da literatura homossexual é de mercado. Enquanto todos, editores, livreiros, escritores, sabem que existe um público em potencial, sedento por uma leitura que retrate seu próprio universo, não se fornece a esse público o que ele deseja. A opção mais fácil é ignorar essa fatia do mercado. E quando isso não acontece e um autor é premiado com a edição de seu livro, não se divulga a existência de um produto destinado a um enorme público gay. Nas poucas e raríssimas vezes em que é feita uma resenha em jornais e/ou revistas de grande circulação, o leitor enfrenta um outro problema: onde encontrar o livro. A cadeia de preconceitos começa com o editor, que não quer saber de escritores iniciantes, e termina no livreiro, que se recusa a comprar e até mesmo exibir livros homossexuais em seu estabelecimento (HEE, 2010, p. 42).

Se há uma limitação de cunho mercadológico, é porque os estereótipos gerados pela estrutura social possibilitam que haja uma restrição ao papel do leitor pertencente a essa comunidade, visto que o problema não é ter o leitor, mas o fato de o mercado não possibilitar que o texto circule até chegar ao leitor. Essa restrição pode ter origem no conjunto de crenças do leitor e no fato de ele não ter sido apresentado a esse conjunto de textos na escola, visto que o professor de Língua Portuguesa e, por conseguinte, de Literatura, em geral, opta por obras já lidas por ele ou as indicadas nos manuais didáticos. Isso sugere dois movimentos para se pensar a não leitura da literatura gay: 1. Trata-se de obras, embora em alguns casos escritas por autores canônicos, que não fazem parte do cânone e passam quase que despercebidas pelos leitores, por exemplo, os contos “Pílades e Orestes”, “Acauã”, “Frederico Paciência”, respectivamente, de Machado de Assis, Inglês de Sousa e Mário de Andrade e. 2. Por mais que tenha havido uma expansão do chamado “*Mercado gay de literatura*”, este não chegou a todos e em muitas localidades não há nas academias grupos de estudos que venham a contribuir para tirar essa literatura da prateleira obscura onde ela esteve posta por séculos.

Outro problema é que o leitor, assim como o escritor para fugir ao julgamento social, opta por não ler essa literatura a fim de que não seja identificado como gay. No caso, para fazer com que a literatura gay atinja o público desejado e ocupe o seu lugar no meio acadêmico, mesmo que carregando os estereótipos comuns à literatura marginal e/ou de resistência. É preciso resolver um problema que não diz respeito à literatura: o preconceito. Preconceito esse que resulta da disseminação de que a literatura de expressão gay é demarcada por um vocabulário pornográfico e anticristão, o qual contraria a moral social e os bons costumes da sociedade burguesa contemporânea. Esse comportamento permitiu que obras deixassem de ser lidas à época em que foram publicadas, por isso, sobre a narrativa de *Um homem gasto*, diz-se:

O livro que apresentamos a seguir é, portanto, importantíssimo do ponto de vista histórico-literário, uma vez que hoje é considerado o primeiro texto em prosa da literatura brasileira a abordar a homossexualidade masculina, ainda que a partir da patologização e da sugestão do suicídio como saída moral para os perversos. Nesse sentido, é interessante perceber como os discursos médicos e literários podem atuar conjuntamente para suicidar as diferenças e os corpos dissidentes (MAIA, 2019, p. 19).

Ao estudar o campo das representações das identidades gays nas literaturas deve-se ressaltar que “McIntosh argumenta que a existência de um rótulo fortemente desenvolvido constrange o comportamento no sentido de fazê-lo conformar-se às expectativas sociais e sexuais geradas por este rótulo [...] as taxonomias são profecias que se cumprem” (FRY, 1982, p. 89). Compreendeu-se assim que o corpo gay sempre estivera assinalado por estereótipos que buscavam enquadrar aqueles que tinham a mesma identidade sexual, rotulando-os para que tivessem vergonha de si, podendo assim serem regulados pelas normas sociais. Indo além, o antropólogo ainda ressalta que “é também verdadeiro que na medida em que a percepção é forjada e controlada pelas representações, a ação social vai ser de certa forma direcionada por essas representações” (FRY, 1982, p. 89). Ressalta-se que as representações feitas dos gays na literatura são diversas e em consonância com o tempo em que foram escritas, como visto em:

Catulo 15

A ti eu me confio e meus amores,
Aurélio, e de pudor eu peço vênia
pois se já desejaste algo em teu ânimo
que mantivesses casto e inteirinho,
preserves em pudor este menino,
não digo das pessoas – delas nada
temo a passar na praça aqui e ali
com suas próprias coisas ocupadas.
Minha paúra és tu, e é teu pau,
atal aos bons, fatal aos maus meninos;
por onde queiras, como queiras, leva-o,
quando saíres, pronto para tudo.

Só ele excludo, sim, pudicamente,
pois se uma ideia má ou louca fúria
te impelir, pérfido, a tamanho crime
de preparar insídias contra mim,
então, ah!, infeliz e malfadado,
pelos pés arrastado, por teu rabo
aberto vão passar mugens e rábãos. (CARVALHO et al, 2017, p. 47).

Nota-se, no poema de Caio Valério Catulo², que as referências à homoafetividade consistem na confiança e amor que o eu lírico dedica a Aurélio, um menino, sobretudo o corpo do menino ou parte dele, como visto na menção ao falo do interlocutor. Não somente Catulo, mas também diversos outros autores como Aulo Gélío, Cícero, Tito Lucrécio e Caio Mecenas são alguns dos poetas que, também, trataram do amor entre pessoas do mesmo gênero sexual em sua poética, assim, o tratamento dado a este não é novo, tampouco uma marca do contemporâneo. A mudança, nesse caso, decorre do ponto de vista usado pelo autor, pois esta acontece influenciada por fatores externos e internos à consciência do poeta ou escritor, podendo apenas sugerir ou expressar sem nenhum pudor a expressão gay, seja por meio da evocação de elementos eróticos ou pornográficos. Neste sentido, considera-se que os escritores os quais se propunham a escrever sobre essa temática fosse na perspectiva da escrita de si ou não teriam de enfrentar lutas consigo e com a esfera social, pois para esta, aqueles que as escreviam era porque queriam deixar seus armários. Por isso, reitera-se:

A literatura homossexual passou também por uma fase onde o tema foi abordado das maneiras mais diferentes possíveis, às quais um extremo pudor não é estranho, o que pode espantar-nos, visto que falar de sexo e mais ainda, de homossexualidade, já foi sinônimo de pornografia e sem-vergonhice! Como todo e qualquer artista, o escritor que apresenta o tema da homossexualidade em sua obra enfrenta problemas de todos os tipos, que vão desde os mais simples problemas de criação literária até os mais complexos problemas morais e religiosos que podem impedir sua aceitação e difusão junto ao público, bem como sua empatia com seu leitor. Isto quando não encontram problemas de ordem judiciária, sendo processados por “perverterem” a ordem. Mas como analisar friamente, como ignorar os gritos da paixão, como sufocar o amor e a ternura que aparecem em páginas sublimes da literatura? Como ignorar a alma de um Gide, que transcendeu o sensualismo revelando-nos a “nostalgia dos anjos”? (FAURY, 1984, p. 15).

O excerto confirma a ideia de que a estrutura social impacta no modo de expressão das homoafetividades na escritura literária e nas outras Ciências Humanas, enquanto as sociedades helênicas permitiam a pederastia. Na Idade Média, o domínio cristão tratava o gay como um pecador, um sodomita que os magistrados deveriam aprisionar e enviar à autoridade episcopal e, em caso de condenação, a punição era a morte na fogueira e os bens dele tomados para o barão (OKITA, 2015). A ideia de culpa devido o sujeito se identificar gay continuou na Idade Moderna, inclusive durante a

² Nascido em Verona entre 87 e 84 e morreu por volta de 52 a.C. Para nós hoje é praticamente o único poeta latino do fim do regime republicano em Roma, que teve prosadores como Cícero, Júlio César, Salústio e Cornélio Nepos (CARVALHO et al, 2017, p. 47).

Inquisição, e nas sociedades contemporâneas, com a consolidação do sistema capitalista o fato de que estes sujeitos não constituiriam, a princípio, uma família e, por isso, seriam vazios para a afirmação das sociedades capitalistas. Acerca disso, afirma-se: “A homossexualidade entra em conflito com a família, que é o que sustenta e serve de base para o sistema capitalista de reprodução de mão de obra barata” (OKITA, 2015, p. 42).

A escrita literária de temática gay, no Brasil, tem seu início no Período Colonial durante a literatura barroca, na poesia satírica do baiano Gregório de Matos Guerra (1636 – 1696), mesmo que não houvesse um sistema literário propriamente dito como postulado por Candido (1981)³. Sobre essa ideia, o autor defende que a formação do sistema literário brasileiro só ocorreu entre os séculos XVIII e XIX – do Arcadismo ao Romantismo, sobretudo no último e Gonçalves Dias, o marco criador. Além disso, Gregório de Matos Guerra não participa desse sistema, visto que ele escreve quando está em Portugal, inclusive, parte da sua obra não tem ligação com a cena brasileira da época, exceto, parte da sua sátira. A exemplo, quando trata da expressão da cena gay no poema “Marinícolas”, mediante o que fora afirmado por Trevisan (2002). Pode ser acrescido que em se tratando de uma sátira, a voz que fala no poema não poderia ser condescendente com a identidade sexual do outro, além de o contexto histórico no qual ele estava situado não permitir a relação amorosa entre pessoas do mesmo sexo.

O título do poema “Marinícolas”, sugere em visão jocosa, agressiva e linguagem de baixo calão a orientação sexual do Provedor da Casa da Moeda de Lisboa, Nicolau de Tal, numa clara junção com o termo “*maricas*”, o qual é entendido como gíria usada para nomear os sujeitos gays (TREVISAN, 2002). Sobre o título do poema, Azevedo (1996) afirma que Higinio de Barros tem outra versão – a de que é um trocadilho entre o sobrenome do poeta italiano Giambattista Marini (1569 – 1625) e “*maricas*”, isto por aludir ao estilo afetado e preciosista do poeta. Nesse caso, compreendeu-se que as duas versões apontam para algum inimigo do poeta, a quem era alvo da sua crítica maledicente.

Mesmo participando das manifestações literárias no Brasil e não de um sistema literário organizado, com obra, autor e público definidos, o poeta baiano aborda a identidade do gay masculino, por esta razão, faz-se necessário inseri-lo quando se trata da historiografia da literatura de expressão gay. A citação da poética satírica do Boca do Inferno explica-se no fato de ele ser o primeiro autor, na historiografia da literatura brasileira, a apresentar sujeitos gays no conjunto da sua obra,

³ O crítico brasileiro Antonio Candido trata da formação da literatura brasileira como sistema no seu livro **Formação da literatura brasileira**, volume 2.

ainda que na visão dele se perceba a desqualificação e zombaria a esses sujeitos, o que faz da sua sátira uma representação do pensamento social do seu tempo, como percebido no trecho do poema transcrito a seguir.

Tem por mestre do terço fanchono
Um pagem de lança, que Marcos se diz,
Que se em casa anda ao rabo dele,
O traz pela rua ao rabo de si.
Uma tarde em que o perro celeste
Do sol acossado se pos a latir,
Marinícola estava com Marcos
Limpendo-lhe os moncos de certo nariz.
Mas sentindo ruído na porta,
Aonde batia um Gorra civil,
Um e outro se pôs em fugida,
Temiendo los dientes de algun javali.
Era pois o baeta travesso:
Se um pouco de antes aportara ali,
Como sabe latim o baeta,
Pudiera cogerlos en un mal Latim.
(MATOS, 2013, pp. 351-352, negrito e itálico meus).

No fragmento do poema, a homoafetividade é expressa logo no primeiro verso, através do emprego do termo “fanchono”, o qual era usado desde o século XVI para identificar os sujeitos homoafetivos e “terço fanchono” para designar o ato sexual entre indivíduos do mesmo sexo. A figura do jovem pajem, Marcos, aparece no segundo verso como o namorado ou aquele que, mesmo esporadicamente, mantém relações sexuais com o marinícola, conforme percebido nas expressões “anda ao rabo dele” e “o traz pela rua ao rabo de si”. Nessas últimas, observou-se que o eu lírico parece jogar com as palavras, constituindo assim uma antítese – “rabo dele” e “rabo de si” – para se referir aos papéis sexuais desempenhados, o que evidencia que nas relações gays não existe a divisão binária ativo/passivo mantida nas relações heterossexuais. Embora haja, na comunidade gay, aqueles que se orgulham somente de serem passivos e os que se dizem ativos, o que segundo Mott (2003) é um mito, sobretudo quando se pensa a identidade gay na contemporaneidade.

A construção de uma literatura gay ou homoafetiva no Brasil não é especificidade dos relatos da Inquisição ou do período setecentista, pois nas estéticas posteriores, como no Romantismo, há espaço para as personagens homoafetivas, por exemplo, o cabelereiro da Rua do Ouvidor, na peça **O demônio familiar**, de José de Alencar. Entretanto, é durante o Realismo e Naturalismo que diversas personagens e obras que narram a vida gay terão seu espaço, mesmo que para a crítica do momento isso parecesse assombroso e, são personagens estereotipadas e dominadas por uma ordem social maior. O Albino, de **O Cortiço**, de Aluísio Azevedo, embora bastante zeloso e pertença à linha de frente das lavadeiras do cortiço, ele não tem nenhum envolvimento amoroso, porque sua cama está

sempre infestada de formigas, o que demonstra que a sua relação é impura. Essa mesma visão doentia aparece no conto “Acauã”, de Inglês de Sousa, em livro organizado por Paulo Maués Corrêa, quando o narrador descreve a personagem Vitória no instante em que a irmã se casaria, sendo assim o corpo gay uma possessão demoníaca, aterradora e atemorizante aos homens.

De pé, à porta da sacristia, hirta como uma defunta, com uma cabeleira feita de cobras, com as narinas dilatadas e a tez verde-negra, Vitória, a sua filha adotiva, fixava em Aninha um olhar horrível, olhar de demônio, olhar frio que parecia querer pregá-la imóvel no chão. A boca entreaberta mostrava a língua fina, bipartida como língua de serpente. Um leve fumo azulado saía-lhe da boca e ia subindo até ao teto da igreja. Era um espetáculo sem nome! (CORRÊA, 2005, p. 36-37).

O doentio na personagem aparece como uma maldição do Acauã, o signo serpente pode ser recuperado como o pecado, uma vez que na tradição cristã esse réptil que induz a mulher [Eva] à corrupção [pecado], assim como Vitória seria, no conto, pela, de Aninha. Vitória tem um comportamento mais masculinizado – “tinha alguma coisa de masculino nas feições e nos modos [...] Fitava com arrogância os homens até obrigá-los a baixar os olhos” (CORRÊA, 2005, p. 33), além de entre a língua da serpente e o membro fático haver uma justaposição de imagens, a língua bipartida. Também outros elementos que contrapõem as características de Vitória e Aninha, sendo esta, sempre mais delicada e feminina nas suas feições e atitudes do que aquela, até mesmo um jogo ambíguo da palavra, a exemplo, quando o narrador diz que Aninha parecia uma escrava aos pés da irmã adotiva. Assim, naquela que se supõe ser a primeira narrativa que traz uma personagem gay em contexto amazônico, ela ainda é marcada pela força dos mitos e lendas os quais amalgamam o imaginário e saberes dos homens desse lugar.

As obras literárias de expressão gay foram deixadas de lado, ao longo da história literária, por serem vistas como literatura de perversão, apócrifas, que não deveriam ser lidas ou ouvidas por representarem a escrita dos abominados pela sociedade nas diversas fases da história. Isto por trazer conteúdo representativo da identidade de uma minoria social que, ao longo da sua existência, fora penalizada com a exclusão social e, muitas das vezes, a morte. Por exemplo, cita-se: **Bom-Crioulo**, de Adolfo Caminha e, mais tardiamente as obras de Caio Fernando Abreu e na cena contemporânea apresentam-se as obras as quais são objeto de estudo desta pesquisa. Porém, com o surgimento da abordagem dos estudos culturais e os estudos de gênero e identidade na literatura, essa ideia tem sido modificada e as obras da literatura gay, ressignificadas e mais publicadas nas últimas décadas do século passado, além de nas Universidades terem sido criados grupos e linhas de pesquisa voltados ao estudo desse campo na literatura (GARCIA, 2014).

Observou-se, também, que no século XX, desde publicações da primeira década como os contos – “História de gente alegre” e “Pílades e Orestes”, respectivamente, de João do Rio e Machado de Assis; e nas décadas seguintes: “Frederico Gouveia”, de Capadócio Maluco e “Frederico Paciência”, de Mário de Andrade. E, nas décadas posteriores, sobretudo, depois da década de 1980, com a produção de Caio Fernando Abreu, João Silvério Trevisan, Walmir Ayala, Silviano Santiago. E, na primeira década do século XXI, surgem novos nomes como Kadu Lago, Nelson Luiz de Carvalho, Roberto Muniz Dias, Ricardo Mesquita, Vinicius Grosso, Milly Lacombe, Léo Dragone, Marcos Alcântara, Marcos Soares e outros, tanto na prosa quanto na poesia. O crescimento desse número de publicações tem como base o surgimento e afirmação da luta dos movimentos gays, em todo o globo, por respeito, direitos e descriminalização da homoafetividade, mesmo que, por máscaras ou não, ou por uma suposta democracia de gênero e sexualidades a ideia de crime não prevaleça no Brasil.

A década de 1960 foi no Brasil, como em várias partes do mundo, um período de liberação sexual, de movimentos por direitos civis e especialmente de luta contra a ditadura militar que governou o país entre 1964 e 1985. Na década de 1970, começam a aparecer os primeiros grupos homossexuais. Mas diferentemente dos demais países europeus e dos Estados Unidos, a homossexualidade nunca foi crime no Brasil. Enquanto os movimentos destes países tiveram como objetivo primeiro a descriminalização da homossexualidade, no Brasil eles tiveram de lutar contra um preconceito muito mais encoberto e sutil, que não tinha a lei a seu lado, mas que se espalhava por toda a sociedade; um preconceito que se esconde por trás duma suposta democracia sexual, assim como o racismo esconde-se sob uma suposta democracia racial (TORRÃO FILHO, 2000, p. 260).

Esses novos olhares não é fruto do acaso ou de uma vitória de semideuses, mas de uma luta travada a duras penas, uma ultrapassagem do esquecimento à visibilidade, todavia, esta é incômoda e causa a indignação de muitos que ainda se sentem órfãos de um tempo em que eles dominavam por conta de sua orientação e identidade sexual ser a padrão. Neste cenário, cabe destacar a presença de Caio Fernando Abreu e João Silvério Trevisan, o primeiro com uma escrita ficcional mais abrangente e o segundo dividido entre a escrita jornalística e a escrita histórica acerca das homoafetividades. A escrita de Caio Fernando Abreu traz imagens do noturno e da violência ora simbólica, ora crua contra a comunidade gay, como visto na violência praticada no conto *Terça-feira gorda*, transcrito a seguir.

Mas vieram vindo, então, e eram muitos. Foge, gritei, estendendo o braço. Minha mão agarrou um espaço vazio. O pontapé nas costas fez com que me levantasse. Ele ficou no chão. Estavam todos em volta. Ai-ai, gritavam, olha as loucas. Olhando para baixo, vi os olhos dele muito abertos e nenhuma culpa entre as outras caras dos homens. A boca molhada afundando no meio duma massa escura, o brilho de um dente caído na areia. Quis tomá-lo sozinho pela mão, protegê-lo com meu corpo, mas sem querer estava sozinho e nu correndo pela areia molhada, os outros todos em volta, muito próximos. Fechando os olhos então, como um filme contra as pálpebras, eu conseguia ver três imagens se sobrepondo. Primeiro o corpo suado dele, sambando, vindo em minha direção. Depois as Plêiades, feito uma raquete de tênis suspensa no céu lá em cima. E finalmente a queda lenta de um figo muito maduro, até esborrachar-se contra o chão em mil pedaços sangrentos (ABREU, 2018, p. 346).

O conto de Caio Fernando Abreu ajuda a compor um vasto painel de cartografias representativas das identidades gays na cena da literatura brasileira contemporânea, pois carrega as dores destes sujeitos. Mário César Lugarinho (2003) afirmou que o espaço agora ocupado pelos grupos sociais marginalizados, no campo dos estudos culturais, modificou os estudos literários nas universidades brasileiras contribuindo para o aprofundamento do estudo das relações de gênero e a percepção do estranhamento presente na sociedade tradicional. Para isso, ele ainda se apoia em Roland Barthes que dizia ser a literatura um lugar de encenação dos saberes e que nessa análise não importa a orientação sexual do autor, mas a obra em si enquanto elemento representativo da cultura, o que deixa de lado a temática homossexual e convergem os saberes a respeito dela.

Os estudos culturais como abordagem crítica literária

O olhar sobre a cultura e sociedade demarca o processo de criação das diversas manifestações artísticas, contudo, essa mudança de paradigma criacionista não implica necessariamente em maior qualidade, mas trouxe uma maior aproximação com o público leitor. Por isso, admite-se que a abordagem dos estudos culturais surgiu com o intuito de compreender a formação social, surgimento, formulações conceituais, posturas e a trajetória das transformações sociais centradas nos discursos que associavam cultura, socioeconomia, lutas sociais e produção intelectual. Nessa perspectiva, para se analisar as representações das identidades gays há que se considerar a presença das novas complexidades trazidas pelas transformações dos discursos sociais e culturais, da linguagem, pois “o foco não é mais a conciliação de todos nem a luta por uma cultura em comum, mas as disputas entre as diferentes identidades nacionais, étnicas, sexuais ou regionais” (CEVASCO, 2003, p. 24).

Considerando a perspectiva de Cevasco (2003) ressalta-se que tratar das homoafetividades na prosa contemporânea não é querer que a literatura gay seja vista como parte do cânone literário ou que os sujeitos gays tenham a mesma identidade. Mas demonstrar que são representações distintas por serem também personagens de hábitos e experiências incorporadas conforme a visão de seus autores, o que valida também à ideia de que “a literatura é símbolo e vetor da cultura de uma sociedade” (MATTELART & NEVEU, 2004, p. 19). Diante da visão apresentada pelos autores compreende-se que sendo a literatura um vetor de cultura, não se trata apenas do estudo desta, como produto cultural, mas das práticas sociais existentes numa obra literária, que é capaz de se debruçar na construção e desconstrução da história.

Os discursos literários acerca das representações das identidades sociais à luz da abordagem dos estudos culturais dialogam com Hall quando ele admite que o sujeito pós-moderno apresenta uma identidade movente ou fragmentada, uma vez que para ele: “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas em redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo constantemente deslocadas” (HALL, 2014, p. 12). Essa afirmativa demonstra que um mesmo sujeito, no caso, o gay, assume diferentes identidades que são influenciadas pelos processos culturais vivenciados por eles em conformidade com a perspectiva de seus autores, o que se vê de modo contundente nas representações propostas nessa pesquisa.

A noção de identidade como movediça é vista como marca do homem pós-moderno ou da modernidade tardia e carrega a ideia de que “o ‘pertencimento’ e a ‘identidade não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis” (BAUMAN, 2005, p. 17). Por essa razão, ressalta-se que o sujeito da pós-modernidade não pode ser demarcado por uma só identidade, uma vez que a complexidade de relações que o envolve estabelece o seu “entre-lugar” no mundo. Isto é, o homem apresenta sempre uma identidade fronteira, o que pode ser aplicado à identidade gay, sobretudo, ao conjunto de identidades presentes na prosa brasileira contemporânea.

No tocante às temáticas pertencentes ao campo dos Estudos Culturais, incluindo as práticas homoafetivas, a sociedade por seus costumes e hábitos manteve-se silenciada e/ou julgaram as obras produzidas sobre tais temáticas (feminino, negritude, homoafetividades) a partir de valores do senso comum, usando da literatura para justificar um juízo de valor cultural. Por essa razão, acredita-se que a dominação imposta aos gays através da violência física e psicológica, cento e cinquenta chibatadas desferidas em Amaro⁴ e do afastamento entre os adolescentes Frederico Paciência e Juca⁵.

Também a condenação dos gays à solidão devido à morte de um dos que constituem o casal amoroso como no conto machadiano já mencionado no tópico anterior quando se escrevia sobre a historiografia da literatura gay no Brasil; a de Ezequiel Neves (o Zeca), em **Mil rosas roubadas**, de Silviano Santiago e; a de Catarina, no conto “Uma branca sombra pálida”, de Lygia Fagundes Telles nunca despertaram “piedade ou terror”, motivo catártico apresentado como fundamento às tragédias gregas (ARISTÓTELES, 2015) e para a humanização do homem (CANDIDO, 2000). Ao considerar que o tratamento dado às orientações gays variou conforme a época e a cultura das sociedades, é

⁴ Ver *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha. Primeiro romance brasileiro que narra a presença da homoafetividade a ganhar a notoriedade do público.

⁵ Ver *Frederico Paciência*, de Mário de Andrade, o qual fora publicado no livro *Contos Novos*, de 1937.

mister a compreensão de que existe um ponto de ancoragem à literatura enquanto fronteira entre o literário e não literário, que é ressignificada pela ação temporal e pela cultura contemporânea (COMPAGNON, 2010).

A Teoria Literária apresenta a literatura como “parte do produto geral do trabalho humano, ou cultura. A cultura de um povo se realiza, em diversos sentidos, nas ciências e nas artes. A cultura é um conjunto de fatos e hábitos socialmente herdados, que determina a vida dos indivíduos” (SAMUEL, 2007, p. 9). O ponto de vista do teórico valida a crença de que os impactos na estrutura social influenciam na produção das manifestações artísticas, incluindo a literatura, mesmo aquela que traz temática semelhante. Nesta perspectiva, convém lembrar-se de que a abordagem dos Estudos Culturais se ocupa das lacunas deixadas na crítica literária ao longo da história, porque ela sempre esteve restrita a particularidades da obra literária que desconsiderava a existência de coletivos como os gays e as mulheres no campo das discussões sociais.

Quando a abordagem dos Estudos Culturais insere no seu escopo as identidades marginalizadas (negros, gays, mulheres e outras minorias), ela se coloca em tensão com as outras correntes, sobretudo com as defensoras da forma, no caso, o estruturalismo e o formalismo russo. Por isso, afirma-se que, diante da negativa conciliação entre os discursos da literatura canônica e da abordagem dos Estudos culturais, há na produção literária da América Latina convergência entre cultura e discursos político-sociais. Essa convergência leva à percepção de que a crítica literária, dessa porção do continente americano, foi fundida com as categorias conceituais presentes nas ciências humanas – cultura, identidade, hibridismo, mestiçagem, memória cultural e nação (PEREIRA; REIS, 2000). As autoras sustentam que a imbricação entre esses discursos, neste cenário, conduz o leitor a um processo de ruptura com o cânone literário quando o desloca para o campo cultural a fim de que sejam compreendidas, numa perspectiva interdisciplinar, as marcas histórico-sociais que permitem ao escritor literário transpor para o papel as suas experiências.

Os Estudos Culturais é a abordagem da crítica literária que privilegia as categorias – gênero e etnia – contudo, nesta investigação, toma-se apenas a homoafetividade como conceito subjacente à categoria gênero, que é o que nos interessa nesse estudo, por se tratar de uma análise das representações homoafetivas nas manifestações escritas e oral da literatura. Somente quando inseridas essas discussões, no campo acadêmico, é que se poderão analisar que marcas histórico-sociais representam as identidades gays, seus contextos de produção e associações com outros ramos do conhecimento que os fundamentam. Se não levados em consideração os aspectos mencionados, no

período anterior, o processo de análise e crítica da literatura terá sido falho, pois as identidades homoafetivas só podem ser representadas se através de um painel cartográfico.

Bhabha (2013), em *O local da cultura*, trata da inserção dos Estudos Culturais no debate acadêmico, inclusive aponta que estes têm sua origem nas transformações sociais e, por conseguinte, humanas, sobretudo, no tocante à sexualidade como objeto de estudo. Para isso, toma-se ainda a posição que esses sujeitos ocuparam ao longo da história – a posição de subalternidade – na qual foram mantidos ao longo dos séculos, nas sociedades antigas e medievais, e que agora deixam de lado o silêncio e transmutam-se para a posição de sujeitos com voz e identidades definidas. Contudo, essas identidades ainda são vistas como repousadas num “entre-lugar”, que precisa ser definido e não marcado por estereótipos que sirvam de justificativa para a cultura de dominação instalada nas sociedades do medievo. Para dar conta das representações identitárias e suas complexidades há grupos e letras que procuram nominalizar os gays atestam-se:

[...] a problemática da identidade se esboça em filigrana. À medida que a dinâmica dos trabalhos vem superpor às classes sociais variáveis como geração, gênero, etnicidade, sexualidade, é todo um questionamento sobre o modo de constituição das coletividades, uma atenção crescente à maneira com que os indivíduos estruturam subjetivamente sua identidade que vêm ocupar um lugar estratégico (MATTELART; NEVEU, 2004, p. 75).

Sabe-se ainda que a abordagem dos Estudos Culturais, enquanto pertencente às correntes da crítica de literatura, toma como referência a concepção de cultura dada pela Antropologia na qual essa corresponde a um modo de vida da sociedade que pretende o refutamento de cultura como distintivo social adquirido somente pela elite (CEVASCO, 2003). A partir da percepção da autora, compreendeu-se que essa corrente diz respeito à abordagem da crítica literária a qual envolve a cultura como exercício subjetivo da arte e estabelece o diálogo entre a literatura e as ciências humanas e sociais na perspectiva da interdisciplinaridade. Por isso, assevera-se que, quando aplicada essa abordagem na análise literária, são exigidos conhecimentos os quais vão além da estrutura do texto literário e dos fatores da literariedade, incluindo aqueles que fazem referência ao contexto de produção da obra. Ao usar esses aspectos para analisar o texto literário na perspectiva da abordagem dos estudos culturais insere-se, também, a ideia de “cultura como entidade inclusiva” (HATTNER, 2002, p. 250) a qual foi defendida por Raymond Williams no novo campo da crítica cultural permite observar duas linhas de atuação, conforme afirmado a seguir:

A primeira delas é sua **disposição de ação política**, de **atuação** intelectual **politicamente engajada**, associada inegavelmente a sua origem e ao momento em que as obras – **Uses of Literacy** (1957), de Richard Hoggarth; **Culture and Society** (1958), de Raymond Williams e; **The Making of the English Working Class**, de E. P. Thompson – foram publicadas. O segundo traço caracterizador dos Estudos Culturais, e possivelmente o mais importante, é seu **caráter de projeto interdisciplinar** (HATTNER, 2002, p. 250, **negrito** do autor).

Em conformidade com o fragmento acima pode ser afirmado que a dimensão em que se situa os Estudos Culturais gera tensões com os teóricos dos estudos literários, os quais refutam a presença dos discursos sociais previstos na Sociologia da Literatura e outras correntes da crítica da segunda metade do século XX, as quais estão inclusas na análise e investigação da obra literária. É nesse contexto que “o cânone é rediscutido e expandido com a redescoberta de obras, antes relegadas ao esquecimento escritas por mulheres, negros, homossexuais e outros” (CEVASCO, 2003 p. 271). Pode-se considerar ainda que a conexão com outros saberes parece sugerir a fragmentação da tradição e transformação no interior das ciências sociais e da literatura, demonstrando assim a ruptura dos fenômenos sociais e um novo olhar para as realidades sociais, incluindo as identidades proletárias e subalternizadas devido ao pouco poderio socioeconômico.

Fica evidente que a função social da literatura não é contemplada na teoria formulada pelos críticos, que fazem a defesa das funções lúdica e estética da literatura, isso demonstra a necessidade de uma teoria crítica que abranja a literatura na sua totalidade e não apenas como efeito estético, o que acaba por favorecer o nascimento da teoria dos Estudos Culturais. Por sua vez, eliminar a função social da literatura, seria auxiliar na construção de um outro projeto ideológico que isola o homem de sua sociedade e, por conseguinte, destrói a perspectiva de humanização do homem pela literatura. Contudo essa nova abordagem também estava preocupada com outros produtos culturais, como a cultura popular, no contexto pós Segunda Guerra, além de situar essa discussão no âmbito das disputas de poder, assim, afirma-se:

A partir do momento em que o objeto cultura é pensado em uma problemática de poder, um conjunto de interrogações teóricas e de conceitos se faz necessário. Quatro deles tomam um lugar estruturante. Inicialmente a noção de ideologia: ela faz parte do legado marxiano no qual se inspira a maioria dos pesquisadores dessa corrente. Pensar os conteúdos ideológicos de uma cultura nada mais é que perceber, em um contexto dado, em que os sistemas de valores, as representações que eles encerram levam a estimular processos de resistência ou de aceitação do status quo, em que discursos e símbolos dão aos grupos populares uma consciência de sua identidade e de sua força, ou participam do registro “alienante” da aquiescência às ideias dominantes (MATTELART; NEVEU, 2004, p. 73).

Em se tratando da categoria gênero, enquanto categoria de análise nas obras literárias selecionadas para esse estudo, a abordagem que melhor satisfaz a esse tipo de análise é a dos Estudos Culturais, pois ela ultrapassa os limites da forma do texto. Além disso, ressalta-se que as questões retóricas – Para que servem os Estudos Culturais? A quem se destinam os Estudos Culturais? – feitas por Álvaro Luiz Hattner (2002) continuam sem respostas definitivas para os estudos literários. A razão da não resposta a essas questões têm sua origem no fato de que as discussões da literatura, que carrega a temática das minorias sexuais e/ou produzida por elas, pertencem a um campo maior que é o da cultura e não da literatura como arte do cânone. Por isso, assevera-se a “noção de literatura é

historicamente demarcada, de pertinência limitada no espaço e no tempo: ela se refere à civilização europeia, entre os séculos XVII ou XVIII e hoje” (ZUMTHOR, 2018, p. 13-14). Assim se entendeu que a literatura canônica serviu para que fossem reafirmados e justificados os estereótipos usados para escarnecer os gays na historiografia da literatura e para legitimar as desigualdades entre esses sujeitos e a elite heterossexual.

Acrescenta-se, ainda, que os estudos culturais dizem respeito ao conjunto de conhecimentos alternativos acerca das produções de gênero e etnia, articulados pelos movimentos sociais pós-Segunda Guerra Mundial. Esse contexto de transformações tem como símbolo identitário um homem multifacetado, fragmentado, característica da chamada pós-modernidade. Contudo, a presença do aspecto interdisciplinar ou multidisciplinar não significa a existência da ruptura das fronteiras sociais, porque o sujeito permanece e são vistas como necessárias para que sejam explorados novos campos não experimentados na análise literária, na música, no cinema e na cultura popular. Por isso, ressaltase que até as visões sobre o corpo foram modificadas em acordo com as mudanças sociais e culturais, como se vê em:

As práticas corporais são produções simbólicas e tiveram seus significados transformados e reinterpretados de acordo com a dinâmica da cultura na qual se inserem. As diferentes formas de exercê-las e sua validação se estabeleceram e se estabelecem em meio às relações de poder que ocorrem entre os sujeitos praticantes e entre estes e os diversos grupos que discursam sobre elas e sobre seus adeptos. As práticas corporais falam da sua cultura e são faladas pela(s) cultura(s). Ou seja, elas comunicam significados (NUNES, 2011, p. 48).

Mediante a ótica do autor, evidencia-se que as práticas culturais impactam e determinam mudanças nas relações que o sujeito mantém com o próprio corpo, no caso, quando se busca a representação de um corpo de um sujeito gay contemporâneo pode-se identificá-lo como um corpo malhado, forte e não mais uma representação frágil. Todavia, a comunidade gay é marcada por uma diversidade de tipos e uma quantidade expressiva não adotou essas transformações. Essa mudança no perfil representado ocorre porque muitos dos gays contemporâneos não mais estão identificados pelos estereótipos com que se costumou a taxar o comportamento homoafetivo. Por exemplo, as entrevistas realizadas na pesquisa de campo dão conta de que os gays masculinos não se prendem nem se prendiam quando crianças a pensar no domínio das atividades domésticas assim como as mulheres lésbicas não se viam como os machões ou mesmo não determinando estereótipos como muitas vezes se nota na escrita vertiginosa de Caio Fernando Abreu.

Preciso parar. Estou cansado. Pela cabeça, essa luz que não sei se é compreensão ou loucura. É de mim, de ti ou dele que sai essa voz contando o sonho de ontem? Como se fosses tu, assim entras no teatro e te chamam dentro do sonho e te chamam para fazer o papel do sonho de alguém que não veio, e dizes que nunca viste a peça e nunca leste o texto e nada sabe de marcações intenções interiorizações e te dizem que não importa porque é só um sonho e um sonho não precisa ensaio, e já não sabes se começa a rir ou a gritar, então foges para

encontrar o outro, mas o rosto da moça tem os olhos do homem e a boca da moça, os seios da moça são os seios da moça, aqueles mesmos, cujos bicos duros roçavam tua barba malfeita quando os beijavas, mas o sexo da moça é o sexo do homem, aquele mesmo que te inundava de esperma quente, e não sentes medo nem nojo, mas te afastas confuso e caminhas em busca do teatro para entrar em cena e desempenhar tão bem quanto possas o teu papel de sonho do sonho de outro, depois procuras dentro do teatro, em pirâmides de estreitos corredores, e continuas procurando o palco, o vértice, a câmara real, a tua deixa, a tua marca, e antes de acordar não pensas, ou pensas, sim, eu não sei, ele não sabe, tu não sabes nem ninguém se de repente não estarás perdido nem não sabes o papel de cor, pois o palco é a procura do palco e o teu papel é não saber o papel e tudo está certo e a aparente desordem se ordena súbita e a grande ordem de todas as coisas é o caos girando desordenado assim como deve girar o caos, e assim mergulho eu e assim mergulhas tu e assim mergulha ele: a tontura de nossos seis passos equilibra-se instável e precisa sobre o fio da navalha. Mas – sei, sabes, sabemos – as uvas talvez custem demais a amadurecer. E quase não temos tempo (ABREU, 2018, p. 350-351).

Desse modo, acrescenta-se que abordagem dos Estudos Culturais surgiu com a pretensão de compreender a formação social, origens, formulações conceituais, posturas e a trajetória das transformações sociais centradas nos discursos os quais associavam cultura, sociedade, economia, lutas sociais e produção intelectual. Não obstante, para que sejam analisadas as representações da identidade do sujeito gay na perspectiva da escrita de si e do outro e nas narrativas orais há que se considerar a presença das novas complexidades trazidas pelas transformações dos discursos sociais e culturais, da linguagem. Por essa razão, deve-se considerar que: “O foco não é mais a conciliação de todos nem a luta por uma cultura em comum, mas as disputas entre as diferentes identidades nacionais, étnicas, sexuais ou regionais” (CEVASCO, 2003, p. 24). Portanto, a autora ressalta que os Estudos Culturais não pretendem a unificação das diferenças, sejam elas quais fossem, tampouco o enfrentamento entre os grupos sociais, como a disputa de espaços entre gays e heterossexuais, mas o respeito de um e do outro.

Considerações finais

A literatura gay é ainda uma construção, afinal, a literatura é um produto social, criação do humano e, no caso desta, considera-se, também, a sua emergência no campo literário. Embora, há mais de um século os gays brasileiros não sejam mais punidos pelo Código Penal por assumirem essa identidade ou por demonstrarem pequenos afetos como dar as mãos, acariciar o rosto um do outro sejam considerados subversões à moralidade social.

Identificar-se como sujeito gay não significa a instauração de uma nova ordem ou categoria para o sexo, essa crença de que a população gay viria a ser o terceiro sexo já inexistente. A ideia da existência do terceiro sexo tinha por fundamento a identidade dada aos sujeitos homoafetivos pela Psicologia, no século XIX – invertido – então, os de sexo inverso por desejar ou ter relações sexuais

e afetivas com pessoas do mesmo sexo pertenceriam a essa categoria. Desse modo, continua a permanência de apenas dois sexos – o masculino e o feminino, pois nenhum sujeito perde a sua classificação quanto ao sexo, já que esta é uma categoria que se nasce com e se morre com ela, uma vez que é de ordem biológica.

A abordagem dos Estudos Culturais tem como produto o estudo das ideologias das minorias sociais de gênero e étnicas, nascida a partir do estudo dos neomarxistas Raymond Williams, Richard Hoggart e P. Thompson. Essa difunde a conceituação de cultura centrada na ciência Antropologia, na qual desaparecem as fronteiras como elementos que possibilitam a presença das diferenças sociais quanto aos modos de vida em sociedade, isto é, atende à perspectiva da inclusão dos agentes sociais os quais foram negados por muito tempo na história social. É sob o ponto de vista desta diferença que os defensores das correntes anteriores da crítica da literatura a refutam, pois alegam que ela não considera os pressupostos da forma e dos fatos que servem de modelo à arte literária. Além deste há o julgamento de que por dialogar com a Antropologia e outras ciências humanas ela esteja para além da literatura enquanto manifestação da arte.

Mediante as teorias lidas acerca dessa divergência de pensamento quanto à aceitação da abordagem dos Estudos Culturais, viu-se que o valor estético conferido às representações dos gays na literatura, sobretudo se colocada como uma atitude política, de empoderamento de uma população marginalizada, não descaracteriza a criação literária, nem a torna superior, apenas a humaniza.

Por outro lado, a perspectiva cultural da produção literária não desaparece com esta, mas contribui para que seja vista, de modo contundente, a estratificação social e cultural difundida através da expressão literária do cânone. Pelo contrário, a leitura do texto literário deve servir para que o leitor possa se aproximar e compreender com a intersecção de outros saberes os problemas sociais que afetavam a vida social, nos mais diversos contextos e, com isso entender o porquê de determinadas características nos textos literários, incluindo os discursos que o marcam. Portanto, só se faz cartografia das representações da literatura gay por meio da perspectiva dos estudos culturais e nenhuma outra corrente da crítica literária cumpre esse papel.

Referências

- ABREU, Caio Fernando. **Contos completos**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- ANDRADE, Mário de. **Contos novos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução, introdução e notas de Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013.
- CAMINHA, Adolfo. **Bom-Crioulo**. 3. reimpr. São Paulo: Martin Claret, 2010. (Coleção Obra Prima de Cada Autor).
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos (1750 – 1836). Vol. 1. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000, Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro).
- CARVALHO, Raimundo et al (orgs.). **Por que calar nossos amores?: poesia homoerótica latina**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. (Coleção Clássica).
- CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Conversações com Jean Lebrun. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. 5. reimpr. São Paulo: Unesp, 1999.
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Trad. Cleonice Machado e Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- CORRÊA, Paulo Maués. **Contos selecionados de Inglês de Sousa**. Revisão e notas de Paulo Maués Corrêa. Belém: Paka-Tatu, 2005.
- DARNTON, Robert. O que é a história dos livros?. In.: _____. **O beijo de Lamourrete**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 109-131.
- FAURY, Mára. **Uma flor para os malditos**: homossexualidade na literatura. Campinas: Papyrus, 1984. (Coleção Krisis).
- FRY, Peter. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GARCIA, Paulo César Souza. **Literatura e representações do homoerotismo**. Vol. 2. Salvador: EDUNEB, 2014. (Crítica Cultural)

GOMES FILHO, Miguel. **(Homo)sexualidades e Foucault: para o cuidado de si**. Curitiba: Appris, 2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HATTNER, Álvaro Luiz. Literatura e Estudos Culturais. In. BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 1. ed. Maringá: Eduem, 2002.

HEE, Carlos. A via crucis do escritor gay. In.: **Revista CULT**, Edições 66, março, São Paulo: Bregantini, 2010. (Artigo). Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/a-viacrucis-do-escritor-gay/>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. (Coleção Série Temas, vol. 36)

LUGARINHO, Mário César. Estudos de gênero se sofisticam, saem da berlinda e passam a abordar autores canônicos, como Machado de Assis e Guimarães Rosa. Universidade GLS. **Folha de São Paulo**, São Paulo, domingo, 30 de março de 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3003200307.htm>>. Acesso em 14 jul. 2016.

MAIA, Helder Thiago. Ferreira Leal, o literato gasto. In. LEAL, Ferreira. **Um homem gasto**. Uberlândia (MG), 2019.

MATOS, Gregório de. **Poemas atribuídos – Códice Asensio-Cunha**. Volume I. João Adolfo Hansen; Marcelo Moreira [edição e estudo]. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. **Introdução aos estudos culturais**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MOTT, Luiz. **Crônicas de um gay assumido**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

NUNES, Mario. Práticas corporais ou mercadorias corporais. In. SANCHES, Tatiana Amendola (org.). **Estudos culturais: uma abordagem prática**. São Paulo: SENAC, 2011.

OKITA, Hiro. **Homossexualidade: da opressão à libertação**. 2. ed. São Paulo: Sundermann, 2015.

OSÓRIO, Antônio Carlos do Nascimento. (Des)regularização do sujeito: constituições, mecanismos, concessões. In. OSÓRIO, Antônio Carlos do Nascimento (Org.). **Poderes e saberes: corpos em educação**. Campo Grande: Oeste, 2013.

PEREIRA, Maria Antonieta; REIS, Eliana Lourenço de Lima. (Orgs.). **Literatura e estudos culturais**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000.

SAMUEL, Rogel. **Novo manual de Teoria literária**. 4. ed. rev. ampl. Petrópolis: Vozes, 2007.

TORRÃO FILHO, Amílcar. **Tríades galantes, fanchonos militantes**: homossexuais que fizeram a história. São Paulo: Summus, 2000.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 5. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: UBU Editora, 2018.

Como citar este artigo:

OLIVEIRA, Rubenil da Silva. Literatura Gay e a abordagem dos Estudos Culturais. **Revista Narrares** – V.1, N.2, Jul-Dez, 2023, pp. 75-95.